



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – “JÚLIO DE
MESQUITA FILHO” INSTITUTO DE ARTES DA UNESP –
CAMPUS SÃO PAULO

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

MARIA CLARA NORBERTA DE PADUA SALLES

MEMÓRIAS DO MEU FUTURO:
UMA CONVERSA SOBRE ARTE E MULHERIDADE

São Paulo
2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”/UNESP
Instituto de Artes – Campus de São Paulo
Bacharelado em Artes Visuais

MARIA CLARA NORBERTA DE PADUA SALLES

MEMÓRIAS DO MEU FUTURO:
UMA CONVERSA SOBRE ARTE E MULHERIDADE

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Artes
UNESP/Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho", como requisito
parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosangella
Leote.

São Paulo
2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S168m	Salles, Maria Clara Norberta de Padua, 1994- Memórias do meu futuro : uma conversa sobre arte e mulheridade / Maria Clara Norberta de Padua Salles. - São Paulo, 2022. 34 f. : il. color. Orientador: Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Rosangela da Silva Leote Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Arte - Narrativas pessoais. 2. Feminismo e arte. 3. Cinema experimental. 4. Videoarte. I. Oliveira, Pelópidas Cypriano de. II. Leote, Rosangella (Rosangela da Silva Leote). III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título. CDD 791.43028
-------	--

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

MARIA CLARA NORBERTA DE PADUA SALLES

MEMÓRIAS DE MEU FUTURO:
CONVERSAS SOBRE ARTE E MULHERIDADE

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais, modalidade bacharelado, apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP e aprovado como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Artes Visuais pela seguinte banca examinadora:

Mestra em artes Bárbara Jacqueline Soares Milano

Resultado:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira

Resultado:_____ Assinatura:_____

Aprovado em ____/____/____ com média de ____ .

São Paulo

2022

Dedico este trabalho a todas as mulheres
e ao episódio 17 da segunda temporada de Bob Esponja intitulado 'Delonga'.

Agradecimentos

A conclusão deste trabalho não seria possível, sem a colaboração de diversas pessoas. Em especial quero agradecer a minha orientadora Rosangella Leote e as artistas entrevistadas, Ana Norberta, Neith Salles e Rosana Urbes, por não só participarem da formação desse trabalho, mas também por serem essas mulheres fortes que me inspiraram e seguirão me inspirando pelo resto da vida.

Aos professores Pelópidas Cypriano e Agnus Valente que também me guiaram durante meu longo processo do TCC, e as funcionárias que mais me ajudaram durante todos esses anos, Vera Cozani e Rosana Campos.

Também quero agradecer a minha madrinha Nelly e meu pai Ivan e minha sogra Bá Polegatto, por me incentivarem e apoiarem durante toda minha trajetória pela faculdade. Aos amigos que me acompanharam nessa jornada, em especial aos que já vem me acompanhando desde antes, Inaiê Goulart, Isabella Sprocatti e Enzo Takashi Lu.

Também agradeço ao Laboratórios AGF que fizeram a revelação desse filme, sem o qual não teria conseguido concluir este trabalho.

Mas acima de tudo, esse trabalho não teria se concretizado, sem a ajuda, empenho e companheirismo de meu melhor amigo, e companheiro Cassio Polegatto.

Muito obrigada a todos.

Resumo

Este projeto constitui-se em um texto reflexivo acompanhado de uma vídeo entrevista e da apresentação de um filme experimental silencioso em Super 8. As artistas: Ana Norberta, Neith Salles e Rosana Urbes são enfoque tanto do texto quanto das gravações. Foram selecionadas pela influência que tiveram na vida e formação artística da autora. Explorando brevemente e comentando as relações entre o feminino, a arte e sua própria produção. – Livre para todos os públicos.

Palavras chave: Arte, Filme, Mulheres.

Abstract

This project is made of a reflexive text followed by a video interview and the presentation of an experimental silent film shot in Super 8. The artists: Ana Norberta, Neith Salles and Rosaba Urbes are the focus of both the text as well as the recordings. They were selected by the influence they had in the life and artistic upbringing of the author. Briefly exploring and commenting on the relationships between the feminine, art and their own production - Adequate to all audiences.

Keywords: art, film, women.

Lista de figuras

Fig. 1. — Rosana em seu ateliê	13
Fig. 2. — Cenas de <i>Safo</i>	16
Fig. 3. — Rosana usando a mesa multiplano	17
Fig. 4. — Mesa de trabalho de Neith	18
Fig. 5. — Pinturas à óleo por Neith Salles	19
Fig. 6. — Sala de estar de Neith	20
Fig. 7. — Mercado Tita, brechó de Ana Norberta	21
Fig. 8. — A violinista cega (circa 2016) de Ana Norberta	22
Fig. 9. — Ana e Pelé no leilão Ação Criança	23

Sumário

Lista de figuras	9
Introdução	12
1. Entrevistadas	13
1.1 Rosana Urbes	13
1.2 Neith Salles	18
1.3 Ana Norberta	21
2. Reflexões sobre as entrevistas	25
3. Filmagem	29
3.1 Perguntas	29
3.2 Gravação da entrevista	30
3.3 A filmagem em Super 8	30
Considerações finais	32
Bibliografia	34

*“Se passares por Creta vem ao templo
sagrado das virgens, onde mais fundo é o
bosque e do altar sobe um perfume de
incenso.*

*Aqui, onde a sombra é a sombra das rosas,
entre ramos de macieiras corre a água e do
rumor das folhas vem o sono.*

*Aqui, no prado onde todas as flores da
Primavera se abrem e os cavalos pastam, a
brisa traz o aroma do funcho.*

*Vem, Cípris, a fronte cingida, e nas taças de
ouro, voluptuosamente entorna
o claro vinho e a alegria. ”*

(Safo, fragmentos do poema Um Jardim)

Introdução

O projeto surgiu pela vontade de entender a relação entre as influências internas e externas que recebemos durante a vida na produção artística, focando na experiência feminina.

Para isso escolhi produzir dois vídeos com recortes das minhas primeiras influências artísticas femininas, entrevistando três artistas mulheres que estiveram presentes desde cedo na minha trajetória: minha mãe, minha avó e Rosana, uma amiga de infância.

O primeiro vídeo é um filme captado em Super 8, formato que escolhi explorar para abordar a poética do trabalho com liberdade de edição, usando como referência cineastas e autoras mulheres como Maya Deren e Virginia Woolf. Este filme procura retratar as três mulheres artistas e seus espaços de maneira poética.

O segundo vídeo consiste em entrevistas com as artistas, que foram compiladas em único filme. Trata-se de uma conversa com mulheres de gerações diferentes, que trabalham com meios diferentes, refletindo sobre suas produções, influências e dificuldades durante suas jornadas artísticas.

Busquei retratar um pouco de suas jornadas e fazer um recorte de suas visões acerca da arte, do feminino e delas mesmas, passando por temas como independência financeira, motivação artística e técnica.

Procurei conhecer nesse recorte de vídeo um pouco da jornada e trabalhos das três artistas escolhidas e passar um pedaço da visão de cada uma delas com sua arte. Comparando com o trabalho e vida de outras grandes artistas e suas semelhanças.

Este trabalho é composto por trechos das entrevistas, reflexões da autora e apontamentos de outras artistas mulheres, além de um documento sobre a produção dos filmes.

1. Entrevistadas

As três mulheres entrevistadas neste trabalho foram escolhidas porque fizeram parte da minha vida. São artistas com produções e visões distintas de mundo. Falarei um pouco sobre elas a seguir, a partir dos relatos registrados pelas entrevistas.

1.1 Rosana Urbes

Fig. 1. - Rosana Urbes em seu ateliê.



Fonte: foto de Cassio Polegatto.

Conheci a Rosana quando tinha oito anos, ela tinha acabado de voltar para o Brasil depois de anos morando e trabalhando no exterior. Ela acabou se mudando para uma casa na mesma rua em que é a casa da minha mãe até hoje, e por coincidência também foi sua rua de infância. Meu pai sendo veterinário e ela tendo vários gatos culminaram para a construção da amizade que abriu meus olhos para uma possibilidade de trabalho com a arte que até aquele momento não tinha

imaginado. Nessa época ela tinha acabado de sair dos estúdios Disney que estava parando de fazer animações em papel e passando para o digital. Logo depois ela se mudou e montou sua casa estúdio onde ela é hoje, apesar dessa mudança continuamos morando no mesmo bairro e nunca perdemos o contato, essa relação nutriu minha paixão por desenhos animados .

O fato de que ela trabalha com seus próprios horários e agendas, desenhando o dia todo e vendo filmes me pareceu a melhor profissão do mundo, já que sempre tive muita dificuldade de manter uma rotina normal e as únicas coisas que sempre tive certeza de gostar foram assistir desenhos e desenhar, mas nunca achei que isso poderia me levar a algum lugar antes, mas os anos de contato com a Rosana, fazendo festas dos pijamas, olhando livros ilustrados e vendo filmes foi essencial na minha formação como artista.

Tive a oportunidade de trabalhar como colorista no primeiro projeto de seu estúdio, Guida. que foi muito importante pra mim, pois na época estava no último ano do ensino médio, fazendo cursinho e procurando decidir qual vestibular iria prestar. Essa experiência foi decisiva para mim, quando finalmente optei por prestar o vestibular para o curso de artes visuais, com o intuito de explorar a produção artística e me aproximar do caminho de me tornar uma animadora.

Rosana teve seu primeiro contato com a arte dentro de casa com uma família na qual o pai e a irmã também desenhavam, seu gosto pela arte começou muito cedo, aprendendo a desenhar antes mesmo de aprender a escrever. Durante sua formação escolar sempre foi a pessoa que desenhava na lousa a pedidos dos professores e colegas. Logo que se formou no ensino médio prosseguiu com seu interesse em arte e começou a estudar em uma pequena escola de desenho, em que pouco tempo depois veio a dar aula.

Começou sua carreira fazendo ilustrações para livros e foi criando seu portfólio, até que foi contratada pelos estúdios Disney onde trabalhou por oito anos como animadora, tendo a oportunidade de trabalhar em filmes clássicos como *Mulan*¹ (1998). Esses anos trabalhando para a indústria de animação serviram não só de

experiência como também lhe proporcionaram a oportunidade de criar um “pé de meia” e guardar dinheiro, que seria usado posteriormente para a concretização de seu sonho, adquirindo o seu estúdio/casa e abrindo sua própria produtora de filmes, a Planta Filmes, onde hoje consegue trabalhar com liberdade nos projetos próximos de seu coração.

Durante os seus anos de formação, Rosana foi influenciada principalmente por quem lhe estava próximo, como amigos e colegas de trabalho. Também por algumas artistas como Lizbeth Zwerger², a quem cita como uma de suas musas contemporâneas. Sua jornada, como a de muitos artistas, foi acompanhada pela dificuldade financeira, e a necessidade de, muitas vezes, ter de complementar a renda de outras maneiras, sendo que, apesar de ocasionais imprevistos, hoje considera que vive principalmente com a renda de sua arte.

Nos mais de 30 anos de carreira que vem construindo para si, sua principal inspiração continua sendo os amigos próximos a ela e a natureza. Seus projetos mais recentes, como os filmes *Guida* (2014) e *Safo*, este último ainda em produção, trazem aspectos da natureza, da intimidade e também de uma herança feminina que lhe influenciou.

¹ MULAN. Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 1998. (95 min)² Lisbeth Zwerger (1954-), ilustradora de livros infantis austríaca.

Fig. 2. - Cenas de Safo



Fonte: foto de Cassio Polegatto

Em sua entrevista, Rosana comenta sobre sua ligação com a produção de curtas autorais. Atualmente está produzindo o seu segundo curta, *Safo*, que conta a história, ou fragmentos da história, da primeira poetisa que se tem notícia na humanidade, datada de 600 a.C. Safo foi uma célebre e influente poetisa da Grécia antiga, oriunda de uma sociedade matriarcal situada na ilha de Lesbos. Seus escritos foram quase apagados da história, até que fragmentos de seus poemas foram encontrados no deserto, junto com algumas moedas inscritas com seu rosto. Além disso, ficou conhecida por citações feitas em trabalhos de outros poetas influentes de seu tempo. O curta produzido por Rosana explora técnicas mistas trazendo a natureza para dentro da animação de forma literal, utilizando plantas e flores para compor os cenários de suas animações.

Fig. 3 - Rosana usando a mesa multiplano



Fonte: foto da autora.

Para tornar possível a exploração dessa técnica foi necessária a criação de uma mesa multi-planos, instrumento que possibilita a filmagem das cenas animadas que interagem em várias camadas, nas quais usou flores e texturas naturais para chegar no resultado final de sua animação.

Seu primeiro curta autoral, *Guida* (2014), homenageia e se inspira em uma tia querida de Rosana, e por isso leva seu nome. Mostrando um pequeno recorte do dia a dia de sua tia, que trabalhava em um fórum e passou a posar como modelo vivo em sessões de desenho. A personagem passa a se inspirar pela arte nas pequenas coisas cotidianas da vida e o curta aborda este seu florescer para si mesma e para o mundo.

1.2 Neith Salles

Fig. 4 - Mesa de trabalho de Neith



Fonte: foto de Cassio Polegatto.

Quando estava crescendo tive aulas de desenho com a minha avó, que me ensinou minhas primeiras técnicas de retratos e a treinar minha caligrafia em diferentes fontes o que carrego comigo até hoje, toda vez que desenho um rosto ou escrevo nos meus cadernos.

Vinda de uma família de músicos e sendo a mais velha de três irmãs, desde pequena demonstrou interesse em artes e aptidão ao desenho, começando logo cedo a esboçar desenhos e chamar a atenção da família. Logo jovem ajudava na fábrica de móveis de seu tio desenhando modelos para pés de móveis. Na escola brilhava especialmente nas aulas de artes e caligrafia e era sempre a aluna chamada para desenhar mapas e escrever na lousa.

Apesar da facilidade para a arte, e de sua família não ser particularmente

conservadora, seus dons não foram incentivados logo de cara. Muitas das mulheres de sua família tinham aptidão para o desenho e artes manuais em geral , tendo aprendido desde cedo as qualidades que eram requeridas para as mulheres que viriam a se tornar donas de casa. No entanto, depois de se casar, voltou a perseguir o interesse pelas artes, com o incentivo de sua família dessa vez, e entrou em um curso de artes com o artista chileno Angel San Martin, onde aprendeu as técnicas e teorias clássicas de pintura, desenho e escultura. Sendo incentivada por seu professor a perseguir as artes gráficas, que a levou para a gravura em metal onde se achou como artista.

Fig. 5. - Pinturas à óleo por Neith Salles



Fonte: foto de Cassio Polegatto

Tendo sempre gostado de realismo e pintar retratos de parentes próximos, sua inspiração vem também fortemente da natureza, em especial animais e insetos os quais retrata com frequência em suas gravuras e desenhos. Devido a dificuldades logísticas e financeiras acabou descontinuando a produção de quadros a óleo e esculturas em argila. E se dedicou completamente à gravura em metal, da qual sente mais prazer no processo de gravação, desde os imprevistos de trabalhar com ácido, e dos ruídos que ele gera, a gramatura e textura do papel.

Apesar de ter participado de várias exposições com suas pinturas e desenhos, a gravura em Metal foi o que mais lhe deu retorno pessoal e financeiro, promovendo a oportunidade de mandar suas impressões para vários museus e galerias ao redor do mundo, como no Japão e na Itália, e rendeu suas obras alguns prêmios e nomeações.

Fig. 6 - Sala de estar de Neith



Fonte: foto da autora.

1.3 Ana Norberta

Fig. 7. - Mercado Tita, brechó de Ana Norberta



Fonte: foto de Cassio Polegatto.

Cresci admirando minha mãe, não somente pelo fato de ela ser minha mãe, mas por toda criatividade, dedicação e perseverança que ela sempre demonstrou durante toda vida.

Nascida em uma pequena comunidade em Minas Gerais localizada em Alterosa chamada Ilha do Lobo, veio de uma família muito humilde e desde cedo teve que trabalhar para ajudar no seu sustento. Apesar de ter tido uma infância muito difícil, sempre manteve um jeito especial e diferente de conseguir enxergar o esplendor nas pequenas coisas. Sua mãe, com menos de 20 anos e três filhos para cuidar sozinha, uma vez que tinha fugido de seu casamento abusivo, deixou sua filha onde poderia ser melhor cuidada e ter uma educação, um Internato de freiras particular para meninas, e em troca de seus estudos e da moradia tinha que ajudar as freiras com os afazeres domésticos e limpeza do internato. Lá foi ter seu primeiro contato com a arte, assistindo suas colegas nas aulas de arte, das quais não era permitida participar, mas sempre deu um jeito de conseguir assistir escondida, e

apesar de não ter materiais para conseguir acompanhar as atividades ficava admirando as habilidades das freiras que desenhavam e pintavam nos murais e lousas.

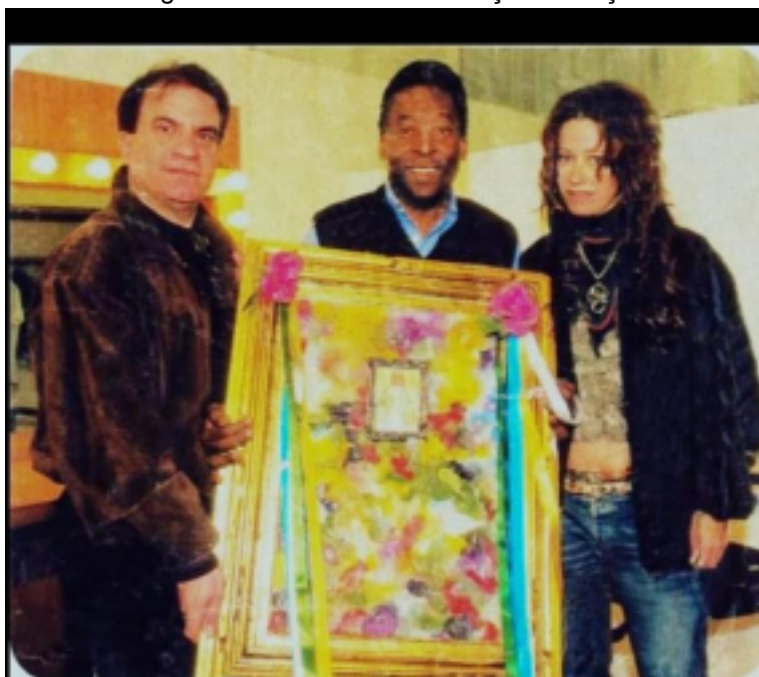
Fig. 8 - A violinista cega (circa 2016) de Ana Norberta.



Fonte: foto de Cassio Polegatto

Depois de casada se mudou para São Paulo onde participou de seu primeiro concurso de artes promovida pela loja de artigos artísticos tradicional Michelangelo, onde competiu com vários artistas já renomados, e ganhou em segundo lugar com sua tela em de 2 metros de São Jorge, feita com velas e tinta. A partir daí começou a fazer mais telas, e também restaurar e customizar móveis antigos, que a levou a fazer várias exposições, sendo uma delas um projeto que fez em parceria com a Ação Criança no antigo local de eventos Leopoldo, um dos últimos eventos a acontecer lá. Como paraninfo e leiloeiro, o evento contava com o jogador Pelé. Foram vendidas 36 telas que tiveram todo seu lucro revertido para a Ação Criança.

Fig. 9 - Ana e Pelé no leilão Ação Criança



Fonte: acervo da autora.

Depois de anos trabalhando com pintura de telas e móveis tendo sido autodidata em todas as técnicas, resolveu aplicar seu gosto pela arte e pela moda com suas habilidades há muito aprendidas com sua mãe de costura, tricô, crochê e bordado, começando a trabalhar com roupas. Que a levaram a trabalhar como estilista na Globo e ter a oportunidade de conhecer , trabalhar e fazer amizade com diversos artistas com os quais nutre contato até hoje. Uma dessas pessoas foi a

Xuxa, da qual virou estilista e figurinista exclusiva de seus programas, Mundo da Imaginação e shows. Além de tudo isso também escreveu o livro “Penteadeira do Bordel” que conta a história de sua tia, e foi adaptado para cinema com o mesmo título, estando atualmente em edição.

2. Reflexões sobre as entrevistas

A mulher sempre teve que lutar por seu lugar e direitos no mundo machista e patriarcal e na arte não é nada diferente.

Através das entrevistas pude entender um pouco melhor como cada uma enxerga o espaço da mulher na arte. Segundo os seus relatos, o caminho da mulher tem sido constantemente um caminho árduo, apesar da proximidade do feminino e da arte. Das mulheres era esperado maestria em afazeres domésticos, como costura, bordado e cozinha, consideradas como obrigações de uma boa esposa e não como trabalhos legítimos, muito menos artísticos.

O relato de Neith é um exemplo desse cenário:

A minha mãe [...] botava a gente para fazer “coisa de mulher” mesmo, bordando, costurando. Todo mundo tinha uma máquina de costura, porque elas faziam a roupa da gente. Eu ajudava a pregar rendinha, ajudava a bordar. Minha avó era uma grande bordadeira, uma portuguesa, vinda da Ilha da Madeira. No domingo, depois do almoço, ela juntava as netas e ensinava a bordar, todas as netas bordaram. Nunca ninguém ensinou ninguém a desenhar e pintar, de jeito nenhum. Era sempre assim: ensinava a fazer as coisas da casa. (SALLES, 2022)

A escolha de fazer arte pode vir de maneira orgânica para as mulheres, no entanto, nem sempre a sociedade a aceita de forma tão natural. Através dos anos, o feminino foi reprimido e renegado pela cultura machista. É ainda mais difícil para a mulher conquistar o seu espaço na sociedade, pois historicamente ela está em desvantagem.

Sobre essa dificuldade adicional da mulher, Rosana comenta:

O artista tem uma insegurança que parece que é uma coisa que vem junto com o fato de ser artista. Você sempre está questionando a qualidade do que você faz. Você é muito emocional a respeito do trabalho. Eu acho que a mulher artista junta a insegurança que é natural do artista com a insegurança da mulher e participar na

sociedade que é uma insegurança herdada. (URBES, 2022)

Apesar de já termos evoluído, em alguns campos mais do que outros, talvez o meio da moda se destaque como um dos mais próximos às mulheres, possivelmente pela associação com a vaidade e a beleza, considerados atributos femininos através dos tempos. Ainda que, por muito tempo, a alta costura também tenha sido controlada e monopolizada por homens, alfaiates e designers que ditavam os modelos das roupas. Roupas essas que seriam produzidas por costureiras mulheres, anunciadas em corpos femininos, para consumo feminino e lucro masculino.

Ana Norberta relata sua experiência no campo da moda:

Fui trabalhar com moda. Moda não, com reuso da moda. [...] O lado mulher meu não sofreu com essa dúvida por eu ser mulher, sofreu por eu não ter o financeiro, mais do que ser mulher, porque eu fui aceita nos veículos que eu busquei. (NORBERTA, 2022)

Apesar da moda ter relação com as ferramentas do trabalho doméstico, principalmente a costura, e ser mais acessível para as mulheres, pois já possuíam o conhecimento desse universo, as artistas entrevistadas deixam claro que a ocupação deste e outros espaços como espaços artísticos, requer da mulher a apropriação e o reconhecimento destes meios como formas de arte.

Eu acho que a arte, se ela acontece com você, você tem que participar, interagir com ela. [...] Eu vejo arte por toda a parte, por onde eu passo, um varal cheio de roupa, uma favela colorida... [...] Sem arte, o mundo era cinza. (NORBERTA, 2022)

Como ressaltou Virginia Woolf em seu livro “um teto para si” Aquisição de um lugar para si e uma renda que lhe permita ser livre para se concentrar em sua produção artística. “Uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio se quiser escrever ficção.” (WOOLF, p.12)

Sem as condições necessárias para conseguir produzir, como dinheiro e um teto para si, a mulher, ao longo da história, se viu cativa de cumprir o papel de musa,

de objeto, não de criadora, mas sim de criação do imaginário masculino. A escritora Virginia Woolf também comenta:

A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não só por 200 anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres gozam de menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não tiveram a mais remota chance de escrever poesia. (WOOLF, 1989, p. 151)

Durante a entrevista que gravamos, Rosana complementou:

Se você pesquisar "mulheres escritoras" no Google você vai ter: Safo, em 600a.C., e a próxima mulher que a gente tem notícia é de 1800 e alguma coisa. Isso significa um jejum de 2400 anos do imaginário feminino fazendo parte da construção do tecido social. (URBES, 2022)

Estes apontamentos das entrevistadas reverberam com um dos motivos que me levaram a escolher o filme como a mídia principal deste trabalho. No cinema, assim como na poesia, a mulher foi fonte de inspiração e fascínio, objeto de desejo, do puro e do profano, mas isso era retratado quase sempre pelo ponto de vista e pelo olhar dos homens. "As mulheres têm servido há séculos como espelho, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural." (WOOLF, 1989, p. 54).

Woolf complementa:

De fato, se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa de maior importância; muito variada; heróica e cruel, esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda a extrema; tão grandiosa como um homem. [...] Mas isso é a mulher na ficção. Na vida real, [...] ela era trancada, espancada e jogada de um lado para o outro. (WOOLF, p.65-66)

Podemos citar cineastas mulheres pioneiras como Alice Guy-Blaché e Maya Deren, precursoras de movimentos cinematográficos que seriam seguidos por outros

grandes artistas posteriormente. Entretanto, elas não chegaram a ter, em sua época, o mesmo reconhecimento aproveitado por seus colegas contemporâneos homens, reconhecidos até hoje. Estas cineastas foram fonte de inspiração para esse trabalho.

Estamos vivendo em uma época de retomada dessa identidade feminina há muito tempo esquecida e reprimida em nossa sociedade. Essa retomada tem ganhado nas últimas décadas cada vez mais espaços, como comenta Rosana: “A participação da mulher na sociedade está vivendo um *boom* se você for considerar os 2000 anos da história para trás”

A participação da mulher na sociedade está vivendo um *boom* se você for considerar os 2000 anos da história para trás. Safo, por exemplo, que é a poeta assunto do nosso filme, viveu em 600a.C.. Se você pesquisa “mulheres escritoras” no Google você vai ter: Safo, em 600a.C., e a próxima mulher que a gente tem notícia é de 1800 e alguma coisa. Isso significa um jejum de 2400 anos do imaginário feminino fazendo parte da construção do tecido social. (URBES, 2022)

3. Filmagem

3.1 Perguntas

Para a entrevista, selecionei algumas perguntas que guiaram nossa conversa, através de alguns eixos: conhecer elas mesmas, suas produções e suas visões acerca da feminilidade e do mundo. Estes temas foram sintetizados em sete perguntas:

1. Conte um pouco sobre sua história, o primeiro contato com a arte e o caminho que percorreu do começo da sua carreira como artista até o ponto atual.
2. Quais foram as maiores oportunidades e dificuldades na sua trajetória como artista? Você acha que elas se relacionam com o fato de você ser mulher?
3. Na sua opinião, qual o papel da arte e do artista?
4. O que leva você a produzir? Existe algum objetivo que procura alcançar com sua produção? Você produz para si mesma ou para um público?
5. Você sente que alcançou o nível que queria chegar com a sua arte ou tem mais que ainda deseja explorar?
6. Você consegue se manter financeiramente apenas da sua arte? Isso mudou através dos anos? Você acha que o fato de ser mulher contribui para essa situação?
7. Qual sua opinião sobre o feminino e a arte?

A entrevista foi feita nos locais de trabalho de cada artista, para mostrar um pouco do espaço que construíram para si e onde produzem suas obras. Optei por gravar somente as respostas, para ampliar a margem de interpretação tanto das artistas quanto do público que assistirá ao vídeo.

3.2 Gravação da entrevista

A gravação da entrevista foi feita com filme digital e com som, tem a duração de aproximadamente 40 minutos. Cada uma das entrevistadas respondeu as 7 perguntas que selecionei, suas respostas foram editadas e compiladas em um único filme. O vídeo foi gravado durante o dia, em ambientes abertos ou fechados com iluminação artificial, utilizando uma Câmera Canon 5D Mark II, um microfone direcional, um tripé, as luzes que estavam disponíveis nos locais e dois rebatedores.

No vídeo são mostradas cenas dos trabalhos de cada uma das artistas enquanto elas respondem as perguntas. As entrevistas foram realizadas em suas respectivas casas/ateliês.

3.3 A filmagem em Super 8

Além da entrevista, gravada digitalmente, também produzi um filme gravado em Super 8, que complementa poeticamente o tema deste trabalho. A filmagem Super 8 foi realizada utilizando uma filmadora Canon D518 - AutoZoom SV, com o filme Super 8 Tri-X, em preto e branco. Filmado em 18 frames por segundo, o vídeo tem a duração aproximada de 3 minutos e é mudo, sem qualquer adição ou acompanhamento sonoro. No entanto, no início do filme algumas cenas sofreram com a super exposição da luz, por isso optei pela edição dessas partes para a cópia digital, usando o programa Adobe Premiere Pro, afim de recuperar essas cenas.

O filme foi gravado ao ar livre com plena iluminação natural, usando o bloqueador de filtro na maior parte do filme. Apenas uma pequena porção foi filmada dentro de seus ateliês, com iluminação artificial. O tripé foi utilizado apenas em uma das cenas finais, onde a diretora aparece, o restante foi gravado a mão livre.

O interesse por filmes em película sempre fez parte da minha vida. Este interesse foi aprofundado pela admiração que possuo pela cineasta Maya Deren, autora de curtas surreais e poéticos. Deren trabalhava em torno das limitações de luz e de contraste, ausência de cor e som, e da liberdade que essas limitações podem trazer.

Por ser a primeira vez que trabalhei com filmagem analógica em Super 8, tentei aprender tudo que podia com tutoriais do Youtube, além do manual de instruções da câmera e dicas de amigos que já haviam trabalhado com esse tipo de filme. E, mesmo assim, como previsto, imprevistos aconteceram. No começo ficou super exposto provavelmente por mal funcionamento do fotômetro, ou mal encaixe do bloqueador de filtro. Demorei um pouco para pegar o ritmo da câmera e algumas cenas foram perdidas pelo *delay* do gatilho de filmagem. Outras passaram muito rápidas ou muito lentas.

No fim das contas eu gostei do resultado e aprendi muito com as gravações. Estava com medo de que o filme ficasse muito escuro por ser preto e branco e, no final, ele acabou ficando muito claro. Por outro lado, achei que a filmagem poderia ter ficado muito tremida, por ter feito a maior parte dela a mão livre, sem a ajuda do tripé. Porém, não tive esse problema, na verdade, gostei bastante de ter feito desse jeito e do resultado final. Gostaria de trabalhar novamente com o Super 8, porém reconheço que isso traz alguns desafios financeiros, pois o filme e a revelação são muito caros.

É uma terrível dor ser uma cineasta, porque você não tem somente problemas criativos, mas também problemas financeiros que eles [outros artistas] não tem. Você tem problemas técnicos que eles não tem. Você tem máquinas que quebram de um jeito que os pincéis não se quebram. É uma coisa terrível ser cineasta. E se você é uma cineasta, é porque há algo na própria mídia que parece ser capaz de criar um tipo de manifesto do que você particularmente quer fazer e que nenhuma outra mídia parece capaz de fazer do mesmo jeito.(DEREN, tradução da autora³).

³"It's a terrible pain to be a filmmaker, because you not only have the creative problems, but you have financial problems that they don't have. You have technical problems that they don't have. You have machines that are breaking down in a way that paintbrushes don't break down. It's just a terrible thing to be a filmmaker. And if you are a filmmaker, it's because there is something in the sheer medium that seems to be able to make some sort of statement that you particularly want to make, and which no other medium to you seems capable of making in the same way."

Considerações finais

Através da produção deste trabalho, tive a oportunidade de me aproximar mais dessas mulheres que me influenciaram a vida toda. Pude entendê-las um pouco melhor e observar mais de perto como foi a vida e a jornada delas com a arte. Os vídeos mostraram suas visões de mundo e o significado das suas obras, tanto para elas mesmas, como suas expectativas para com os seus públicos.

O espaço e o tempo sociais da criação estão permanentemente interagindo com a individualidade do artista. A cultura é uma inteligência coletiva, uma memória coletiva, isto é, um mecanismo supra-individual de conservação e transmissão de certos comunicados(textos) e da elaboração de outros novos. Podemos, assim, perceber, mais uma vez, esse paralelismo entre os modos de ação da cultura e aqueles do indivíduo. (SALLES, Cecília, 2008, p. 65-67)

Além disso, através deste projeto, pude explorar uma mídia a qual sempre tive curiosidade em experimentar: o filme analógico. Apesar de algumas experiências com fotografia analógica, esta é a primeira vez que trabalho com a filmagem analógica, que é uma mídia cara e restrita, porém muito prazerosa e gratificante. Essa foi uma experiência excelente para fechar o ciclo da minha produção artística dentro da universidade.

Mesmo sendo de gerações diferentes, de personalidades muito diferentes, ainda há similaridades marcantes nos pensamentos das entrevistadas sobre a arte. Todas elas concordaram que a busca pela arte é incessante e constante, correspondendo com a minha opinião pessoal. Houve também discordâncias, por exemplo, quanto ao papel do artista na sociedade e sua importância.

Pudemos abordar assuntos como as expectativas do artista consigo mesmo, as influências da sociedade na sua produção e o próprio processo prático de criar a arte, como ela se relaciona com a cultura e com o coletivo imaginário. Com todas as inseguranças e desafios que tem de enfrentar, tanto como artistas e como mulheres, suas histórias registram grande resiliência no perseguir da arte.

“Quem diria que as manchas
vivem e ajudam a viver?
Tinta, sangue, cheiro.
Não sei que tinta usar
qual delas gostaria
de deixar desse
modo o seu
vestígio.

Respeito-lhes
a vontade e farei tudo
o que puder para escapar
do meu próprio mundo.”

(KAHLO, 2017, p. 213)

Bibliografia

DEREN, Maya. Disponível em:

<https://www.imdb.com/name/nm0220305/bio?ref_=nm_dyk_qu#quotes>. Acesso em nov. 2022.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo**: um autorretrato íntimo. Tradução: Mário Pontes. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

LISPECTOR, Clarice. Panorama com Clarice. Youtube. Gravado em 1977. Disponível em: <<https://youtu.be/ohHP1I2EVnU>>. Acesso em nov. 2022.

MEMÓRIAS de meu futuro - entrevistas. Direção: Maria Clara N. P. Salles. São Paulo, 2022.

SAFO, **Um Jardim**. Cerca 600a.C. Disponível em:

<<https://poesiaspreferidas.wordpress.com/2014/07/14/um-jardim-safo/>>. Acesso em nov. 2022.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação**: construção da obra de arte. 2a edição. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Filmografia

CAMILLE CLAUDEL. Direção Bruno Nuytten. Produção de Christian Fechner e Isabelle Adjani. França 1988.DVD (175 min.).

EM TERRA. Direção: Maya Deren. Produção: Maya Deren.Estados Unidos 1944. super 8. (15 min.) Disponível em <https://youtu.be/Et_0AwbJs7E>. Acesso em nov. 2022.

FRIDA. Direção: Julie Taymor. Produção Salma Hayek, Alfred Molina.Canadá, Estados Unidos e México 2002.DVD (123 min.).

GUIDA. Animação: Rosana Urbes. São Paulo: RR Animação de Filmes, 2014. (11 min) Disponível em <<https://youtu.be/RenFPqH2CEw>>. Acesso em nov. 2022.

MEMÓRIAS DE MEU FUTURO. Direção: Maria Clara. Produção: Maria Clara. Brasil 2022. Filme digital DVD (37 min.).

MEMÓRIAS DE MEU FUTURO. Direção: Maria Clara. Produção: Maria Clara. Brasil 2022. Filme super 8 (3 min.). Disponível em <<https://youtu.be/cOQOMCAGm3s>>. Acesso em dez. 2022.

TRAMAS DO ENTARDECER.Direção: Maya Deren. Produção: Maya Deren.Estados Unidos 1943. Filme super 8. (14 min.). Disponível em <<https://youtu.be/WgiJCrheBaA>>. Acesso em nov. 2022.